



Heitor Fagundes Beloch

**A gênese intelectual do fascismo na análise
de Zeev Sternhell**

Monografia apresentada à Graduação em História da PUC-Rio
como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em
História.

Orientador: Mauricio Parada

Rio de Janeiro, novembro de 2022

Agradecimentos

Agradeço à minha mãe e ao meu pai pelo apoio e amor de sempre, pela ajuda em momentos difíceis e pelas opiniões sobre o texto e correção de erros.

Ao restante da minha família: avós, irmãos, tios, cunhadas, sobrinhos, primos pelo grande carinho que recebo sempre.

Ao meu orientador, o professor Mauricio Parada, por me introduzir ao ambiente acadêmico, pelos conselhos essenciais, pela paciência e pelas frutíferas trocas de ideias e informações que sempre temos.

Ao professor Marcos Veneu pelas aulas interessantes e pelas conversas sobre temas ainda mais interessantes após as aulas.

Ao PIBIC pela possibilidade de ser recompensado por fazer algo que gosto.

À PUC pelo ambiente acadêmico e físico fenomenal onde pude completar minha formação.

Aos amigos Luísa e Vitor pelo companheirismo, amizade, conversas, humor, e pela identificação mútua que temos em relação aos nossos ideais.

Aos amigos Nei e Gabriela por fazerem o meu dia a dia mais leve e divertido; para mim as conversas com vocês foram tão importantes quanto as aulas.

Resumo:

Essa monografia investiga o tema central da carreira intelectual do historiador e cientista político Zeev Sternhell: a identificação do surgimento de modelos culturais, filosóficos e políticos dissidentes na Europa Ocidental (especialmente França) do final do século 19 como a gênese da ideologia fascista que daria frutos no pós-Primeira Guerra Mundial.

Palavras-chave:

Fascismo, Zeev Sternhell, Ideologia, Cultura Política, *Fin de siècle*

Abstract:

This thesis investigates the central theme of historian and political scientist Zeev Sternhell's intellectual career: the identification of the emergence of dissident cultural, philosophical, and political models in Western Europe (specially France) during the late 19th century as the origin of fascist ideology which would flourish after the First World War.

Keywords

Fascism, Zeev Sternhell, Ideology, Political Culture, *Fin de siècle*

Sumário

Introdução.....	5
1. Zeev Sternhell: breve trajetória.....	7
2. As origens intelectuais do fascismo.....	9
3. O novo nacionalismo.....	12
4. A revisão anti-materialista do marxismo.....	19
5. A síntese nacional-sindicalista.....	25
Conclusão.....	28
Referências bibliográficas.....	29

Introdução

Desde seu surgimento aparentemente repentino nas primeiras décadas do século 20 por meio de movimentos de massa, mas especialmente após o alívio de sua derrota na Segunda Guerra Mundial, muitos eruditos estudaram o fenômeno do fascismo e tentaram compreender suas origens e o sentido histórico de sua ascensão.

Alguns intelectuais se fixaram no estudo de seus líderes carismáticos, ou buscaram entender o comportamento das massas que os seguiam; muitos tentaram entendê-lo por meio de análises do capitalismo como sistema econômico em crise, outros o percebiam como o resultado de uma crise da democracia liberal. Em comum, todas essas análises visavam o período imediatamente antes ou depois da tomada do poder pelos partidários da ideologia, e em maior ou menor grau lidavam com as condições materiais das sociedades.¹

Outra possibilidade era entender o fascismo como um fenômeno intelectual próprio, tão consistente quanto outras ideologias da modernidade, e buscar identificar sua origem não em um evento específico, a Primeira Guerra Mundial, mas em uma atmosfera cultural complexa. Nessa tradição, o historiador e cientista político Zeev Sternhell se sobressai, tanto por sua originalidade- a identificação das ideias que compunham o núcleo ideológico do fascismo na França do final do século 19, em meio ao turbilhão cultural do *fin de siècle*, quanto pelo impacto que sua análise teve subsequentemente. A presente monografia, portanto, tem por objetivo investigar as origens intelectuais do fascismo como analisadas pelo historiador e cientista político israelense em seus artigos e livros.

Buscou-se inicialmente investigar brevemente a conturbada trajetória de Sternhell e, de acordo com o próprio autor, como poderia ter influenciado sua carreira acadêmica. Para isso utilizou-se principalmente entrevistas referentes a sua vida concedidas a jornalistas. Partindo para o tema da investigação em questão, procurou-se introduzir sua interpretação da origem do fascismo em termos gerais e,

¹ PAXTON, Robert O. *The Anatomy of Fascism*. Penguin, London. 2005

em seguida explorar sua análise dos dois componentes dessa síntese ideológica, um novo nacionalismo e uma revisão anti-materialista do marxismo.

1.Zeev Sternhell: breve trajetória

Ao longo de sua vida, o historiador e cientista político israelense Zeev Sternhell presenciou e foi afetado diretamente por grandes acontecimentos históricos, teve contato com várias ideologias e sistemas políticos e manteve diferentes identidades nacionais e religiosas. Ao estudar sua obra e ler suas memórias, pode-se perceber claramente que suas trajetórias biográfica e intelectual influenciaram-se mutuamente.

Sternhell nasceu em 1935 na pequena cidade de Przemyśl, no leste da Polônia, no seio de uma família próspera de judeus seculares envolvidos na indústria têxtil. Em 1939 sua boa vida familiar burguesa foi virada ao avesso pela Segunda Guerra Mundial, experiência que afirmaria influenciar sua tentativa de entender as razões para o rápido desmoronamento e destruição da aparente inabalável ordem liberal europeia pelo totalitarismo de extrema-direita. Seu pai partiu para lutar contra a invasão de seu país, e pouco tempo depois de retornar, sucumbiu aos seus ferimentos. A região em que viviam foi inicialmente ocupada pela União Soviética, e a família perdeu todos os confortos que tinha. O impacto da invasão nazista à União Soviética, em 1941 foi, contudo, obviamente muito maior. Sternhell e seus parentes foram confinados em um gueto, e sua mãe e irmã foram deportadas para um campo de extermínio onde morreram. Num acontecimento que descreveu como quase milagroso, por meio de documentos falsos e a ajuda de poloneses solidários foi resgatado do gueto e levado para Cracóvia. Lá passou a viver com um nome falso, e se converteu ao catolicismo, escondendo sua origem judaica. Ainda menino, se envolveu profundamente com sua nova religião, chegando a ser devoto.

Com o fim da guerra, foi levado para a França em um trem da Cruz Vermelha, e lá mudou sua identidade novamente. Aprendeu francês (esqueceu sua língua polonesa nativa), estudou em um liceu de Avignon, e mergulhou na cultura do país, sendo cativado pelo pensamento iluminista: o universalismo, o secularismo e os direitos do homem, que continuou defendendo por toda sua vida. Contudo, não se sentia um francês autêntico; sua experiência de perseguição o fez ser atraído pelo sionismo; “agora os judeus estão em pé de igualdade com os gentios”, afirmava. Emigrou para Israel na década de 1950, e lá participou dos muitos capítulos do

conflito árabe-israelense como soldado e reservista. Ao mesmo tempo tornou-se um crítico mordaz das ocupações e de diversos aspectos da política e cultura israelense, que chegou a alegar estarem contaminadas pelo fascismo. Devido à essas posições, em 2008 foi alvo de um atentado a bomba por parte um judeu extremista. Apesar dessas críticas profundas continuou se definindo como sionista até sua morte, por causas naturais, em 2020.²

Sternhell se formou em ciência política na Universidade Hebraica de Jerusalém (de que posteriormente se tornaria professor efetivo), e de volta à França obteve um doutorado pela Sciences Po de Paris com o tema *Les idées politiques et sociales de Maurice Barrès, 1884-1902* (As ideias políticas e sociais de Maurice Barrès, 1884-1902).³ Foi nesse ensaio que adentrou o tema que estudaria a vida inteira: a gênese cultural e intelectual do fascismo, que o autor situava no final do século 19, principalmente na França. Maurice Barrès era um inimigo do sistema político parlamentar da Terceira República, e atacava o individualismo burguês, o liberalismo contratualista e o culto à razão dominantes em sua época, defendendo em seu lugar um estado orgânico que uniria todas as classes sociais, e exaltava os instintos e as emoções. Analisando suas obras e trajetória, Sternhell concluiu que Barrès, assim como outros pensadores do período, representaria o surgimento de uma “cultura política alternativa” que romperia a hegemonia liberal e parlamentar, e buscava revolucionar a sociedade. Esse complexo movimento, por vezes aparentemente envolvendo ideias contraditórias, se fortaleceria e fincaria raízes na sociedade europeia, e por fim, após o enorme impacto da Primeira Guerra Mundial, se materializaria como os movimentos de massa fascistas, chegando a tomar o poder em muitos países.

² SHAVIT, Ari. Amazing Grace. Haaretz, março de 2008. Disponível em: <https://www.haaretz.com/2008-03-06/ty-article/amazing-grace/0000017f-ef7e-d8a1-a5ff-fffe9b950000> Acesso em: junho de 2022

ROBERTS, Sam. Zeev Sternhell, ‘Super Zionist’ Wary of Extremism, Dies at 85. New York Times, junho de 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/06/25/world/middleeast/zeev-sternhell-mideast-scholar-dies.html> Acesso em: junho de 2022

³ OUZAN, Françoise S., *How Young Holocaust Survivors Rebuilt Their Lives: France, the United States, and Israel*, Indiana University Press 2018

2.As origens intelectuais do fascismo

O ponto central da carreira intelectual de Zeev Sternhell foi a investigação das origens intelectuais do fascismo, representada pelo livro *The Birth of Fascist Ideology: from Cultural Rebellion to Political Revolution* (O nascimento da ideologia fascista: de rebelião cultural a revolução política), seu *magnum opus*. Essa obra era o produto do inquérito que havia iniciado com sua investigação da trajetória da extrema-direita francesa do final do século 19, continuado com sua interpretação do surgimento de um novo nacionalismo e de uma revolução ideológica e cultural mais ampla, e que então dava frutos com a conexão explícita dos dois temas com a gênese e a maturação do fenômeno do fascismo. Em seu primeiro livro, *Ni droite ni gauche: l'idéologie fasciste en France* (Nem direita nem esquerda: a ideologia fascista na França), escrito alguns anos antes, o historiador já havia demonstrado como os ideais fascistas que tomaram conta da França em 1940, não eram simplesmente frutos da imposição estrangeira, mas estavam presentes, como dissidências, na cultura política e no pensamento do país desde o século anterior. Agora teorizava que não era só o regime de Vichy que tinha raízes na *Belle Époque* francesa, mas a ideologia fascista como um todo, gestada naquele ambiente de “rebelião cultural” contra o *establishment* burguês, e que tendo passado por mudanças pragmáticas, tentaria implementar sua revolução política após a Primeira Guerra Mundial.⁴

Zeev Sternhell reiteradamente rejeitava a ideia do fascismo meramente como uma reação a determinados acontecimentos políticos e econômicos (a Primeira Guerra Mundial, crises econômicas, etc.) ou como um simples fruto de um capitalismo ameaçado pela revolução socialista. Ao contrário, o fascismo seria em sua concepção, um movimento político-cultural autônomo, não-conformista, vanguardista e revolucionário que competia com o marxismo para substituir o liberalismo como ideologia hegemônica que regia a sociedade. Para entendê-lo, portanto, seria necessário tratá-lo da mesma forma que seus dois rivais, percebendo seu conteúdo intelectual como essencial à sua trajetória; ainda que, assim como nos

⁴ STERNHELL, Zeev. *Neither Right Nor Left: Fascist Ideology in France*. Princeton University Press. 1986

outros dois, sua adaptação à realidade política tenha sido um processo complexo e por vezes aparentemente contraditório.

A tomada do governo italiano por Mussolini e seus partidários em 1922 é o marco cronológico do fim da gênese do fascismo, ou seja sua concretização, mas seu início, de acordo com o próprio Sternhell, estaria no surgimento de um novo nacionalismo e uma cultura política dissidente na França do final do século 19. No meio termo haveria uma complexa trajetória, em que tal nacionalismo seria fundido com uma revisão não-materialista do marxismo, um produto do mesmo ambiente cultural decadentista, vitalista e anti-racionalista do *fin de siècle*.

Portanto, ainda que tivesse sido concretizado após 1918, o fascismo não só era muito mais que uma simples reação à Primeira Guerra Mundial e à crise do período entreguerras, como todas as ideias que o compunham haviam sido formuladas antes de 1914, como parte da “revolução intelectual”, ocorrida em uma única geração, que atacava a cultura política dominante e rejeitava o materialismo, o positivismo, o liberalismo, o parlamentarismo e a mediocridade da cultura burguesa.

Os membros dessa vanguarda contracultural queriam algo que justamente respondesse aos problemas da modernidade industrial não resolvidos pelo regime parlamentar liberal: a atomização da sociedade de massas, o enfraquecimento dos elos e pertencimentos tradicionais e a alienação do indivíduo na sociedade de mercado. A grande novidade era que diferente dos reacionários do século 19, os dissidentes defendiam uma revolução política, social e cultural, que entre outras coisas, mudaria radicalmente a relação do cidadão com a coletividade. Rejeitava-se com ferocidade, não a industrialização ou a tecnologia, que ao contrário eram abraçadas, mas sim os “valores modernos” de igualdade, individualismo, racionalismo, materialismo, que eles percebiam como essenciais tanto ao liberalismo quanto ao marxismo. Para Sternhell os dois “pilares do edifício fascista” em sua origem, teriam sido duas revisões de ideologias bem estabelecidas, que ocorreriam justamente pela extirpação de tais valores.⁵

Em primeiro lugar havia a revisão do nacionalismo francês republicano, pela criação de uma versão anti-liberal e orgânica que funcionava como base de

⁵ STERNHELL, Zeev. *The Birth of Fascist Ideology, from cultural rebellion to political revolution*. Princeton University Press. 1989 pg. 4-20

movimentos de massa contestadores do *establishment* parlamentar. A outra, era uma revisão do marxismo, que eliminava seu núcleo materialista, mas preservava seu ímpeto de revolta. A síntese de ambas seria o fascismo em sua forma ideal.⁶

⁶ Ibid pg. 25-30

3.O novo nacionalismo

Para Sternhell o primeiro elemento que construiria a síntese intelectual do fascismo era um novo tipo de nacionalismo, parte das dissidências intelectuais e culturais francesas do final do século 19. De acordo com o historiador tal nacionalismo teria sido forjado dentro da revanchista *Ligue des Patriotes*, uma organização de massas militarizada, fundada pelo soldado Paul Déroulède.⁷

Fundada como resposta à derrota francesa na Guerra Franco-Prussiana, um momento de grande pessimismo e crise de confiança no país, a Liga inicialmente contou com apoio de pessoas em todo o espectro político, incluindo do escritor Victor Hugo e do político Léon Gambetta, influentes representantes do *establishment* republicano. Esse apoio derivou de um sentimento nacional de vingança unânime em torno da humilhação causada pela derrota na guerra, especialmente a perda das províncias da Alsácia e Lorena. A Liga defendia uma união de todos os franceses, independentemente de classe social ou posição política, com o objetivo de regenerar a nação; por exemplo por meio da ênfase em uma religião cívica. A atuação de seus membros naquele momento, consistia principalmente de atividades ginásticas, marchas e treinamento militar como uma preparação para um futuro conflito com a Alemanha. Logo, entretanto, a organização passou a desafiar o próprio sistema político da Terceira República por considerá-lo demasiado fraco, propenso ao sectarismo e incapaz de empreender a regeneração nacional que desejava. Como consequência, o movimento foi renegado por aqueles que continuavam a defender o sistema parlamentar. A citação “És um patriota autoritário; eu sou um patriota liberal.” endereçada a Déroulède por Anatole de la Forge em sua renúncia da presidência da Liga, é utilizada por Sternhell para exemplificar esta cisão, que para o autor simbolizaria a distinção de dois tipos de nacionalismo, um deles, uma continuação da tradição liberal e republicana, e que havia sido a forma hegemônica de nacionalismo até então, e o outro o tipo novo, que seria uma ruptura com os modelos estabelecidos.⁸ De acordo com o autor, este

⁷ STERNHELL, Zeev. “Paul Déroulède and the origins of modern French nationalism”. *Journal of Contemporary History*. 6 (4), 1971 pg. 46-70

⁸ *Ibid* pg 55

novo nacionalismo adotado pela Liga era anti-parlamentar, anti-burguês e demagógico; e seu culto à juventude, ao heroísmo, e ao subconsciente, e em sua romantização da ação, seriam elementos claramente identificados no fascismo algumas décadas depois. Representaria, além do mais, uma síntese sem precedentes ao adotar as características populares e dinâmicas do nacionalismo de então, mas ao mesmo tempo defender ideias socialmente conservadoras. Haveria, entretanto, uma clara tensão nessa fusão, percebida pelo autor na forma em que seus representantes encaravam a “questão social”. Atacavam o capitalismo, os ricos e a desigualdade social (com isso atraindo em suas fileiras alguns blanquistas e antigos membros da Comuna de Paris) pois imaginavam que tais fenômenos impediam a integração da classe operária à coletividade nacional; mas as soluções ficavam em segundo plano e se resumiam à defesa da solidariedade entre capital e trabalho, o protecionismo econômico e é claro, a derrubada do sistema parlamentar, considerado a origem dos males do país.⁹

Para Sternhell o novo nacionalismo seria parte de um movimento intelectual mais amplo, mas havia sido claramente influenciado pelo sentimento unânime de derrota e humilhação no que havia sido antes uma potência extremamente autoconfiante de sua posição na Europa e no mundo. A Terceira República e os ideais republicanos e liberais que a sustentavam, eram na visão dos membros da Liga, incapazes de responder adequadamente à crise nacional. Acima de tudo culpavam o universalismo que havia sido uma característica proeminente do pensamento político e filosófico francês desde o século 18. Era principalmente o universalismo que em sua concepção havia enfraquecido o espírito nacional e a disposição dos franceses em lutar pelo país. Déroulède criticava inclusive a atenção demasiada dada a luta pela “liberdade”, objetivo central das revoluções liberais da primeira metade do século 19 que considerava ter tido um caráter demasiado individualista; e afirmava que os franceses deveriam se voltar à defesa da “independência nacional”, de caráter coletivo. O indivíduo deveria se subordinar à coletividade nacional, e a realização individual estaria não em qualquer dogma burguês de felicidade ou enriquecimento, mas sim no serviço à nação.

A partir de sua origem como instituição ligada ao *establishment* republicano, em poucos anos a *Ligues des Patriotes*, e seu líder Paul Déroulède,

⁹ Ibid. pg. 55-61

havia se tornado explicitamente críticos do sistema em vigor. Contudo, foi somente com sua convergência com outro movimento político que a Liga atingiu a maturidade e tentou pela primeira vez tomar o poder e desfazer o sistema parlamentar. Tendo surgido em volta de seu líder epônimo, o general Georges Boulanger, o *boulangismo* não era um movimento ideologicamente coeso e obtinha grande apoio tanto da classe operária parisiense radical quanto de tradicionalistas rurais, fossem camponeses ou aristocratas. Suas características centrais eram somente a oposição ao parlamentarismo e a burguesia, o nacionalismo e o populismo, e como consequência se aproximava da Liga. Tendo se unido a esse movimento, Déroulède passou a defender, no lugar do parlamentarismo em vigor, um presidencialismo autoritário sustentado por plebiscitos, com Boulanger como chefe de estado. Chegou inclusive a sugerir, sem sucesso, que o general tomasse o poder por meio de um golpe. Os *boulangistas* preferiram adentrar o sistema por vias legais, e Déroulède portanto se candidatou ao parlamento em 1889. No legislativo os partidários de Boulanger obtiveram cerca de um terço das cadeiras, e lá passaram a fazer uma oposição feroz à maioria liberal-republicana, utilizando o tema da “grandeza popular” para atacar o que percebiam como uma nova casta plutocrática que feria tanto a nação quanto as classes populares. Nessa atuação populista os *boulangistas* frequentemente cooperaram com os socialistas quando estes propunham legislações de cunho social e atacavam o liberalismo burguês.¹⁰

O suicídio de Boulanger em 1891 e o caso Dreyfus ocorrido três anos depois, impossibilitaram qualquer tentativa por parte dos novos nacionalistas de criar uma coalizão ideologicamente heterodoxa para destruir a Terceira República. No primeiro caso perderam a figura que atraía e conseguia mobilizar a classe trabalhadora, no segundo a sociedade francesa, inclusive o *establishment* liberal-republicano, cindiu em dois polos, e a maior parte dos socialistas passou a defender fortemente o oficial judeu alsaciano. Déroulède, Barrès e seus seguidores tomaram a posição oposta e se tornaram *anti-dreyfusards* militantes. Alfred Dreyfus e seus defensores foram utilizados como representantes máximos da ameaça à nação francesa e símbolos da degeneração de uma nova “aristocracia” republicana, e o socialismo passou a ser atacado como danoso à unidade nacional; de acordo com Sternhell foi neste momento que o movimento político passou definitivamente a

¹⁰ Ibid pg. 55-65

fazer parte da direita. A defesa de Dreyfus foi associada aos intelectuais cosmopolitas e universalistas em oposição ao povo que seria naturalmente *anti-dreyfusard* e nacionalista. Déroulède que até então havia desconsiderado qualquer associação da religião com o nacionalismo que defendia, passou a invocar o catolicismo como um componente central da tradição francesa e denunciar a tentativa de descristianização da sociedade por parte das forças a que se opunha. Além da nova ênfase religiosa, o novo nacionalismo deixou de fazer referência a ideia da França meramente como comunidade política fundada na Revolução, e percebê-la como cultura e até mesmo raça distinta e ameaçada. A constituição da Terceira República, por exemplo, seria em sua concepção um modelo anglo-germânico importado contrário aos antigos "instintos gálicos", e que, portanto, precisava ser destruída por qualquer meio necessário. Nos últimos anos do século 19, como consequência, Déroulède e seus partidários idealizaram diversos golpes de estado. Contudo, a maioria nem chegou a sair do papel, e com a virada do século, o militante nacionalista deixou de ter qualquer relevância política. Vindo a falecer em 1914, nas palavras de Sternhell, o Déroulède era então um representante de uma era passada. Seria a *Action Française*, movimento extremista, antisemita e monarquista que reuniria muitos de seus antigos adeptos e carregaria o bastão do novo nacionalismo. Déroulède entretanto, permaneceu na metade do caminho, ainda se afirmando republicano e herdeiro da tradição revolucionária jacobina. Para o autor, contudo, mesmo com essas diferenças, a *Ligue des Patriotes* teria claramente iniciado a síntese ideológica que formaria o fascismo, seu autoritarismo, anti-parlamentarismo e anticapitalismo sendo combinados posteriormente com um virulento anti-marxismo. Tal influência era vista no seu ataque à democracia liberal, o apelo à ação direta popular contra o "circo parlamentar" e a defesa de um "homem forte" comandando o estado. Assim como entre seus sucessores no século 20, utilizavam o imaginário revolucionário esvaziado de humanismo, universalismo e apelo à liberdade. Tudo que sobrava dele era a estética e o vocabulário, usado para mobilizar as massas contra a democracia parlamentar.¹¹

De acordo com Sternhell, ainda que a Liga rapidamente tenha perdido a relevância no final do século 19, foi responsável por fraturar a política francesa em duas tradições opostas. Por um lado, havia a tradição que era um produto do

¹¹ Ibid. pg. 63-77

iluminismo e da Revolução Francesa; portanto universalista, individualista, racionalista, liberal e democrática, e teria sido dominante durante toda a duração da Terceira República. A tradição representada inicialmente pela própria organização, por sua vez, permaneceria minoritária e dissidente, mas ainda assim relevante, e, era particularista, vitalista e dominada por um nacionalismo cultural, e por vezes até mesmo racial, que rompia com e atacava a cultura política e a ideologia preponderante. O autor enfatizava que apesar de não ter obtido sucesso em substituir a ordem vigente (a não ser por meio de uma imposição estrangeira em 1940), não era marginal e impregnou a sociedade francesa do período mais do que geralmente se supõe, pois afirma que mesmo fazendo parte de uma “cultura dominada”, as minorias também influenciam o clima intelectual de um determinado período; nesse caso tendo entre seus adeptos alguns dos mais importantes pensadores da época. Foi inclusive com a derrota de forças políticas nacionalistas que buscavam substituir a ordem vigente, primeiro os *boulangistas* depois os *anti-dreyfusards*, e o fortalecimento do sistema parlamentar liberal, que este movimento cultural dissidente cresceu e suas ideias foram absorvidas por muitos franceses.¹²

Se a derrota francesa em 1870 havia sido inegavelmente central na crise de confiança que abalou o país, um processo cultural mais amplo que fazia com que mesmo quando o sentimento unânime de patriotismo revanchista havia se dissipado muitos rejeitassem os princípios da Revolução Francesa, a cultura burguesa e especialmente a ideia da sociedade como um agregado de indivíduos autônomos que, portanto, ansiavam pela liberdade. Esse aparente descompasso entre eventos políticos específicos e influência cultural dos dissidentes atingiu seu ápice na primeira década do século 20. Os novos nacionalistas não mais conseguiam mobilizar as classes trabalhadoras, e Zola, o grande defensor de Dreyfus, parecia ter tomado o lugar de Boulanger como ídolo popular. Maurice Barrès, antigo membro da *Ligue de Patriotes*, lamentava-se da atuação pífia do *Parti nationaliste*, em que os novos nacionalistas haviam se reunido após sua derrota no Caso Dreyfus, nas eleições do início do século; e culpava esse fracasso pela suposta “pobreza doutrinária” do movimento. Sternhell entretanto afirma que tal acusação era injusta,

¹² STERNHELL, Zeev. “The Political Culture of Nationalism”. in TOMBS, Robert. *Nationhood and Nationalism in France, from Boulanger to the Great War, 1889-1918*. Harper Collins, London. 1991 pg. 22-38

e a causa estaria, ao invés disso, nas contradições que o impossibilitava de transformar-se em um agente efetivo de combate político.¹³

O nacionalismo como força contestadora nas décadas anteriores não demonstrou essa mesma dificuldade. Foram os *boulangistas* que inauguraram a política de massas na França, e foram os primeiros, talvez em todo o mundo, a se usarem dos meios fornecidos pela própria democracia liberal para tentar destruí-la. Nesse processo misturava-se a atuação parlamentar, manifestações populares nas ruas e o uso maciço da mídia impressa; além claro, da organização militarizada da *Ligue des Patriotes*. Em sua revolta contra o parlamentarismo e a sociedade burguesa defendiam uma autoridade política forte e autônoma, e a resolução dos problemas que surgiam com a industrialização; deveria-se restaurar o que imaginavam ter sido uma nação harmônica e orgânica.

Se opondo aos estudos acadêmicos tradicionais, o autor enfatizava especialmente que, sendo um produto da sociedade industrial de massas, o *boulangismo* não era uma continuação do bonapartismo. O mundo de Napoleão era rural e seus partidários meramente defendiam uma autoridade política forte que por meio de um golpe de estado sustentado por um campesinato que ansiava por estabilidade, garantiria a ordem pública e a proteção da propriedade privada. Os novos nacionalistas por outro lado haviam absorvido o darwinismo social e o anti-positivismo, ideias surgidas ao longo do século 19, e defendiam a criação de uma nova moralidade, um novo homem e uma nova sociedade. As classes trabalhadoras urbanas haviam se integrado culturalmente, o alfabetismo havia se difundido, o sufrágio universal havia sido implantado e os jornais politizaram a sociedade; a “opinião pública” passou a ser considerada pela elite política.¹⁴

A fraqueza desta nova ideologia estava, de acordo com o autor, no fato de que seus partidários não explicitavam claramente que tipo de sociedade pretendiam implantar no lugar do liberalismo. A confusão surgia especialmente porque não era fácil entender se queriam a destruição de toda a herança da Revolução Francesa, e, portanto, um retorno à alguma forma de Antigo Regime, ou se ao contrário defendiam um sistema revolucionário mais radical que a democracia liberal; por vezes pareciam querer ambos. Para Sternhell foi quando apontaram para a segunda

¹³ Ibid. pg. 23-29

¹⁴ Ibid. pg. 27-30

possibilidade no final do século 19 que conseguiram o apoio das massas. No início do século 20 a *Action Française* tinha um grau de atração limitado ao defender a restauração da monarquia, algo que não era mais uma opção atraente para a maior parte dos franceses.

Um outro ponto de fraqueza óbvio seria que de acordo com o autor, apesar de o *boulangismo* ter obtido força devido às tensões causadas pela adaptação do liberalismo ao sufrágio universal, na virada do século o sistema liberal parlamentar garantiu um grau sem precedentes de prosperidade e de bem-estar social para todas as classes. Tanto a direita quanto a esquerda revolucionária precisariam esperar até a Primeira Guerra Mundial para encontrar condições favoráveis para a tomada do poder.

Em relação aos novos ideais filosóficos e políticos que foram absorvidos pelo público francês, Sternhell enfatiza a oposição ao materialismo, ao individualismo, considerados doutrinas anti-naturais, e ao utilitarismo, fosse em sua variante liberal ou socialista, e a negação de qualquer norma universal ou absoluta; a lei e a justiça só serviriam para resolver os problemas da coletividade nacional. Acima de tudo havia a ideia da nação como um elemento orgânico e natural que definiria essencialmente as características de seus membros. Os nacionalistas franceses muitas vezes davam uma ênfase menor à associação entre raça e nação que os nacionalistas alemães, e afirmavam que os próprios franceses seriam compostos de uma fusão de diversas raças. Contudo para Sternhell, os resultados do novo pensamento nacionalista não difeririam muito nos dois os países e em ambos acarrateram um ideal de superioridade, intolerância e autoritarismo.¹⁵

¹⁵ Ibid. pg. 30-37

4.A revisão anti-materialista do marxismo

À primeira vista o segundo elemento da síntese que daria origem ao fascismo é surpreendente. Contudo, a influência do marxismo no final do século 19 era tão grande, que afetava pensadores de todos os matizes e inclinações.

A ideologia havia sido possivelmente a mais influente escola de pensamento para aqueles que buscavam entender a sociedade burguesa, industrial e politicamente liberal que havia surgido e se firmado na Europa do século 19. Contudo, de acordo com o Sternhell, na virada do século o marxismo foi enfraquecido por grandes mudanças tecnológicas, científicas e sociais. Isto, combinado a uma revisão da economia clássica (sobre a qual as teorias econômicas marxistas se baseavam), fez com que muitos pensadores encontrassem supostas falhas nos modelos explicativos ortodoxos. O socialismo em si continuava forte, de certa maneira mais forte do que nunca, já que agora adentrava os parlamentos que progressivamente estendiam o sufrágio, e até mesmo ganhava um ar de respeitabilidade burguesa. Mas era justamente essa a contradição. As grandes previsões de Marx e Engels claramente não haviam se concretizado: as condições sociais da classe trabalhadora europeia, além de seu poder de compra, haviam melhorado consideravelmente, e agora os operários contavam com representação política específica nas esferas oficiais de poder. Além da prosperidade europeia sem precedentes causada por um novo ímpeto de expansão capitalista, os estados da Europa Ocidental começaram gradativamente a implementar reformas sociais significativas: salário-mínimo, limite de horas de trabalho, educação pública compulsória etc...

A consequência foi essa “crise do marxismo”; o pensamento socialista teve que modificar suas suposições e seus métodos para lidar com um mundo sobre o qual Marx não havia teorizado. Alguns marxistas embarcaram em uma grande revisão; abandonando a direção histórica hegeliana e aceitando a existência da sociedade burguesa ao apontar para a inegável melhora nas condições sociais; afirmando que paulatinamente o próprio sistema capitalista abarcaria as exigências dos trabalhadores e se reformaria por meio da atuação política dos sindicatos e dos

partidos oficiais. O principal representante desta escola era Eduard Bernstein, que dentro do Partido Social Democrata alemão (o partido de Marx e Engels) se chocou com a maioria que se opunha a essa profunda revisão das doutrinas marxistas. Entretanto, se essa maioria, encabeçada pelo teórico Karl Kautsky, permanecia intelectualmente comprometida com o marxismo ortodoxo, na prática havia aceitado as implicações do liberalismo político; não só na obtenção do poder por meio do sufrágio e da democracia representativa; mas também no aprofundamento e na manutenção de tal sistema: o capitalismo seria abolido dentro da democracia liberal (que chamavam de democracia pré-socialista), sem “ditadura do proletariado”.

Conforme adentrou-se no novo século, os socialistas ocidentais, acabaram majoritariamente se tornando, portanto, “reformistas”, adequando-se plenamente ao liberalismo político; mesmo que continuassem ideologicamente marxistas. Tal foi a posição dos grandes partidos da Europa Ocidental, fosse no já citado Partido Social-Democrata Alemão de August Bebel, na Seção Francesa da Internacional Operária de Jean Jaurès, e no Partido Socialista Italiano de Filippo Turati (o Partido Trabalhista, o equivalente britânico em matéria de representação política e objetivos, nunca adotou o marxismo como doutrina).

Havia, claro, pensadores e grupos minoritários que recusaram a posição reformista de convivência ou mesmo aceitação dos regimes e dos estados liberais. Tais revoltas contra o *establishment* socialista ocorreram em diferentes partes da Europa, mas de acordo com o historiador podem ser agrupadas em duas tendências com representantes, ideias, objetivos e resultados inteiramente distintos. Na Europa Oriental, composta de impérios etnicamente diversos, e palco de conflitos nacionais internos, eles reafirmaram as bases da doutrina marxista, e tentaram se manter fiéis a ela; nos estados-nações mais coesos da França e da Itália, grande parte acabou modificando radicalmente o marxismo, e quando absorveram ideias nacionalistas da extrema-direita, acabaram por criar uma síntese que por fim daria origem ao fascismo.¹⁶

A figura central nessa revisão anti-materialista do marxismo seria na concepção de Sternhell, o pensador socialista francês Georges Sorel. Sorel era um

¹⁶ STERNHELL, Zeev. *The Birth of Fascist Ideology, from cultural rebellion to political revolution*. Princeton University Press. 1989 pg. 12-25

forte opositor do capitalismo e da burguesia, tendo sido atraído pelo pensamento de Marx, que considerava o mais relevante para o seu século, a verdadeira obra de um gênio. Contudo, destoando da maior parte dos outros seguidores da ideologia, considerava central ao marxismo, não seu núcleo filosófico materialista, mas sim seu conteúdo moral. Ele havia sido convencido pelo revolucionário ataque aos preceitos da economia clássica, particularmente pelo inaugurador da microeconomia, Vilfredo Pareto, que parecia demonstrar que teorias gerais e totalizantes de sistemas econômicos eram fantasiosas e infrutíferas. Abandonou então conceitos centrais como a “teoria do valor-trabalho”, recuperando elementos de socialistas pré-marxistas para os quais análises científicas não eram necessárias. O que importava mesmo era a “luta de classes”, que Sorel formulava com ares darwinistas sociais: a sobrevivência de uma classe pela eliminação da outra. Essa era a base moral do seu socialismo, sendo democracia parlamentar, direitos do homem, proteção social, meros contratemplos, e até mesmo criações artificiais que impediam a destruição do sistema vigente. Portanto, na sua revisão do marxismo, Sorel se afastava duplamente do *establishment* socialista parlamentar de seu inimigo Jean Jaurès: rejeitava a participação dos marxistas na política oficial não só porque achava que tal atuação não contribuía em nada para o desenrolar da revolução proletária, mas porque imaginava que as políticas de proteção social e de limitações da economia capitalista defendidas por eles as impediam. Para Georges Sorel a “luta de classes” precisava ocorrer em seu ambiente natural de um capitalismo irrestrito também guiado pela sobrevivência do mais forte que regia as leis do mercado.

Essa revisão soreliana do marxismo não só rejeitava as análises econômicas tradicionais, mas abandonava toda pretensão científica encontrada na sua versão clássica. . Afinal de contas, os pensadores que insistentemente tentavam provar que o marxismo era uma ciência, especialmente a alta intelectualidade austríaca, não contribuíam em nada para mobilizar os trabalhadores. Ao contrário, no seu entender o mais atraente no marxismo eram os seus aspectos “simbólicos e apocalípticos”, que teriam um poder de atração quase religioso para os trabalhadores. Para Sorel, tais características eram encontradas especificamente na já mencionada luta de classes, entendida não como uma análise sociológica de um

processo histórico, mas como um acontecimento literal, uma guerra social, que seria protagonizada pelo proletariado organizado, reunido nos sindicatos.

Sorel percebeu que ao existir e atuar institucionalmente dentro da democracia liberal, os partidos socialistas acabavam aceitando suas normas e limites e mesmo defendendo-as de ameaças. Os sindicatos por outro lado, permaneciam existindo como organizações essencialmente proletárias, sempre enfrentando a burguesia, e existindo, não como um aglomerado de indivíduos autônomos, mas como corpos harmônicos de trabalhadores. Para não se contaminarem de valores burgueses, os sindicatos deviam até mesmo rejeitar a presença de intelectuais, que não contribuiriam em nada para o processo revolucionário.

Para Sorel, que rejeitava o materialismo histórico, a queda do capitalismo e da sociedade burguesa não era inevitável, posição que de acordo com Sternhell era reforçada pelos acontecimentos contemporâneos na França. A intensa atividade sindical, principalmente por meio de greves, da virada do século 19 para o 20, não havia se traduzido em atividade revolucionária. Os sindicatos queriam obter ganhos imediatos para os trabalhadores que representavam, e sua atividade, para a tristeza de Sorel, aumentava a atração do socialismo parlamentar reformista. Para que tais tendências fossem quebradas, o revisionista preconizava uma verdadeira revolução moral na vanguarda proletária reunida nos sindicatos, que então seria difundida por toda classe trabalhadora. Para isso precisavam se distinguir da burguesia, tanto em valores quanto em ideologia, rejeitar o racionalismo e abraçar os “mitos sociais”.

De acordo com Sternhell tais “mitos sociais” eram entendidos por Sorel como a “ideia por trás de uma obra de arte”. O valor científico de uma ideologia pouco importava, desde que fosse capaz de inspirar os homens à ação. Como consequência Sorel acreditava que o núcleo do marxismo era composto de uma “ideia revolucionária” que podia ser usada para mobilizar os trabalhadores contra o sistema burguês vigente. Era isso que realmente importava, e que havia escapado aos muitos pensadores preocupados inutilmente em comprovar a veracidade científica da teoria. Absorvendo a filosofia anti-racionalista do *fin de siècle*, especialmente de Henri Bergson, Sorel acreditava inclusive que o pensamento reflexivo e discursivo era inferior à intuição e à experiência imediata. Os mitos e as imagens simbólicas encontradas no marxismo teriam um caráter quase-religioso e

um poder de atração igualmente potente. Todos os conceitos do marxismo, de “alienação” à própria “classe social”, eram na verdade mistificações, que entretanto tinham um enorme valor simbólico. Nisso, para Sorel, o marxismo na era industrial se aproximava de outras ideias revolucionárias igualmente potentes em tempos passados, o cristianismo primitivo, o protestantismo, o nacionalismo. Nenhuma refletia uma realidade racional, todas eram atraentes devido às imagens poderosas que produziam na mente humana.

Outro ponto central da revisão soreliana, era a primazia dada à ação, em lugar do objetivo final. O conceito de utopia era atacado como uma construção racionalizante que induzia os trabalhadores a aceitarem reformas paulatinas em direção a um mundo desejado. Os mitos, ao contrário, geravam a consciência de insubordinação e união da classe trabalhadora, que se concretizava por meio da “greve geral” organizada pelos sindicatos. Em relação a essa centralidade dada à ação Sorel invertia o próprio pensamento marxista: não eram o conflito e a ruptura entre as classes que geravam a ação revolucionária, era a ação revolucionária, ou seja, a greve geral impulsionada pelos “mitos sociais”, que produzia o conflito e a ruptura entre as classes.

Novamente influenciado pelo *zeitgeist* contemporâneo, Sorel concluía que tanto o capitalismo quanto o movimento operário de sua época se mostravam decadentes: o primeiro fazia recorrentes concessões aos trabalhadores, o segundo aceitava-as. Seria a ação, especificamente a “violência”, que destruiria qualquer possibilidade de cooperação entre os dois fenômenos. Por meio dela ambos recuperariam o vigor que tinham durante a vida de Marx, e voltariam a seu histórico conflito revolucionário. Tal violência seria o ato de ruptura, por parte dos trabalhadores, do funcionamento normal da sociedade burguesa.

Sorel teria sido, portanto, “o mais subversivo e mais original entre os revisionistas do marxismo”: a ideologia que pregava não era limitada pelas condições materiais nem por análises precisas da realidade e era inteiramente baseada na efetividade de sua ação revolucionária. Além do mais, do ponto de vista de seu autor, estava imune a críticas, já que os mitos não seriam passíveis de serem analisados racionalmente. O marxismo revisado perdia seus elementos materialistas (o seu caráter científico), hedonistas ou individualistas (a preocupação do homem com seu próprio bem-estar), ao invés a ideologia se tornava vitalista e heroica, e se

preocupava em primeiro lugar com o ato revolucionário em si, que consistia em um surto de violência contra a sociedade e o estado burguês.¹⁷

¹⁷ Ibid. pg. 36-78

5.A síntese nacional-sindicalista

O processo de fusão entre o novo nacionalismo e a revisão anti-materialista do marxismo, as duas dissidências ideológicas que Sternhell apontou como os componentes centrais da gênese do fascismo, foi bastante complexo. O ponto de partida ocorreu em 1909 com a aproximação entre Georges Sorel e a *Action française*, organização que reunia os apoiadores de Charles Maurras, um seguidor de Maurice Barrès e defensor de sua revisão nacionalista, discutida anteriormente. Com a hegemonia reformista entre os partidos socialistas, e a defesa enfática que fizeram das instituições republicanas durante o Caso Dreyfus, Sorel observou que os novos nacionalistas pareciam ser os únicos realmente dispostos a derrubar o *establishment* liberal burguês. Seguindo sua teoria dos mitos sociais, o sindicalista até mesmo elogiou a ênfase dada por eles ao cristianismo como elemento agregador das massas e como base do seu patriotismo. É certo que havia muito pouco marxismo remanescente no pensamento soreliano de então.

Ainda assim, o que atraiu Sorel à *Action française*, não foram suas características conservadoras (o monarquismo), mas sim seu culto à juventude e à ação e sua tentativa de mobilizar pessoas contra uma burguesia que percebiam como decadente e corrupta. De acordo com Sternhell, o que Sorel preservava de suas origens marxistas era quase exclusivamente a ideia da luta de classes, concebia como uma guerra heroica. Inclusive, se aproximando dos nacionalistas, atacava muito mais a moral burguesa, do que o próprio sistema econômico capitalista.

Não só Sorel era atraído pelo novo nacionalismo, como esses mesmos nacionalistas viam potencial na esquerda dissidente. Ainda que Maurras e seus seguidores atacassem o igualitarismo e o internacionalismo do socialismo tradicional, percebiam que um socialismo “extirpado de seus elementos democráticos e cosmopolitas” era plenamente compatível com a ideologia que defendiam. Para eles, cujo objetivo central era derrubar a república e eliminar as heranças do iluminismo, qualquer ideologia que compartilhasse de tal propósito representava um feliz acréscimo à sua ação política.¹⁸

Apesar da inegável aproximação entre Charles Maurras e Georges Sorel, os dois pensadores permaneceram em planos distintos, e o nacionalismo continuou

¹⁸ Ibid. pg.78-92

marginal no pensamento do sindicalista, servindo meramente como um possível “mito social” que mobilizasse os homens para a derrubada do sistema burguês republicano. Foram Georges Valois, um membro mais jovem da *Action Française*, e Édouard Berth, um sindicalista soreliano, que de fato protagonizaram a fusão entre as duas ideologias, criando, de acordo com Sternhell, a primeira organização que pode ser corretamente definida como fascista (embora o termo não fosse ainda usado), o *Cercle Proudhon*. Nas palavras de Valois a organização pretendia dar “uma plataforma comum para nacionalistas e anti-democratas de esquerda”, e onde “nacionalistas e sindicalistas concordam em lutar contra a democracia e contra o ideal nauseante... que é chamado de um ideal humanitarista, pacifista e racionalista”.¹⁹ O *Cercle Proudhon* publicava revistas periódicas em que seus membros podiam expor a heterodoxa ideologia que criavam.

Por meio desta fusão eliminou-se um dos últimos elementos marxistas ainda preservados no pensamento de Sorel. Ao fundir o nacionalismo orgânico de Maurras e o sindicalismo heroico de Sorel, o socialista Berth chegou à conclusão de que a degeneração moral e social causada pela modernidade liberal burguesa seria mais facilmente revertida, não pela luta de classes, mas por uma ação conjunta de todos aqueles, fossem proletários ou membros da elite, que se opunham à plutocracia predatória que sustentaria o sistema republicano. O próprio nome da organização se baseava em uma leitura seletiva do então falecido socialista Pierre-Joseph Proudhon que apontava para essa direção. O pensador era retratado como o expoente de um socialismo nativista, bucólico e heroico, ausente das influências estrangeiras encontradas no marxismo. Também enfatizavam que a maioria de seus ataques se dirigiam, não à propriedade individual, mas aos grandes plutocratas, especialmente judeus e estrangeiros que impunham uma ordem social exógena na França.²⁰

Ainda assim, mesmo que a nova ideologia abandonasse a luta de classes, os ataques de Berth e Valois eram dirigidos em primeiro lugar aos valores burgueses e à sociedade moldada por eles. Combatiam o materialismo, o utilitarismo, o cosmopolitismo e o positivismo, porque os consideravam os causadores da degeneração civilizacional que percebiam ao redor. Eles eram a base do que

¹⁹ Ibid. pg. 123

²⁰ Ibid. pg. 92-99

chamavam de “mediocridade liberal” que consumia todas as classes sociais, minando o espírito coletivo e fazendo os homens perderem o ímpeto de ação, e se preocuparem exclusivamente com o próprio bem-estar. Essa tendência, por sua vez, levava ao pacifismo emasculador que minava a vitalidade social e nacional. Seria a guerra, portanto, vista como um bem por si mesma, que reverteria esse quadro. Era a guerra que alimentava os avanços industriais, que provava a superioridade nacional e unia os homens a um objetivo comum. Mais do que tudo, era ela que geraria a nova sociedade que desejavam.

Tal sociedade seria vitalista, heroica e puritana, regida por uma elite proletária imbuída de dever e sacrifício, que influenciasse as massas. Para isso defendiam um novo tipo de estado, que adquirisse sua função guerreira original, e abandonasse o parasitismo e o pacifismo interno do estado burguês, e que não se curvasse diante de interesses de outrem. Pregavam até mesmo que nesse estado a economia poderia funcionar de maneira fluida, e sem grandes entraves institucionais, já que todos os homens, dos industriais aos proletários, estariam totalmente voltados para o ideal coletivo nacional.²¹

Com esses dois componentes, de acordo com Sternhell, a síntese ideológica do fascismo estava completa; só precisaria percorrer o “complexo cultural franco-italiano”, e esperar o enorme impacto da Primeira Guerra Mundial para se materializar como um movimento de massas e finalmente tomar o poder.²² Claro, passaria por mudanças relativas ao seu confronto com a realidade prática, mas mesmo que nem sempre se mantivesse fiel à sua origem, tais raízes seriam reconhecidas até mesmo por Benito Mussolini no auge de seu poder.²³

²¹ Ibid. pg. 118-131

²² Ibid. pg. 4

²³ Ibid. pg. 35

Conclusão

Ao estudar a obra de Zeev Sternhell pode-se concluir que por meio do seu estudo da sociedade francesa do final do século 19, o autor identificou pensadores, políticos e movimentos sociais que cultivavam ideias que pareciam prenunciar a ideologia fascista que tomaria corpo no século seguinte. Traçou então a cronologia de duas novas tendências intelectuais, as duas revisões de ideologias bem estabelecidas, que se fortaleceriam e por fim seriam fundidas por grupos políticos dissidentes e minoritários, mas que de acordo com o pensador, já tinham todos os elementos das organizações fascistas subsequentes.

Tal análise demonstra a complexidade do surgimento de uma ideologia, e assinala que o conteúdo intelectual de qualquer movimento político, incluindo suas origens, deve ser investigado cuidadosamente para melhor compreender sua ação perante o mundo. Percebe-se também que o mesmo se aplica à relação entre o surgimento de tais ideias e o mundo material, que o autor parece apontar ser nem por um lado determinista, nem por outro totalmente inexistente.

Sternhell consegue com êxito demonstrar que o fascismo não foi uma aberração na sociedade europeia, ao contrário, aponta que vários de seus ideais já estavam presentes, ainda que como dissidências, nas décadas anteriores. Por último também evidencia que o espectro político tradicional, apesar de útil, não pode ser percebido de maneira estanque, e que os diferentes segmentos ideológicos frequentemente influenciam uns aos outros.

Referências bibliográficas

STERNHELL, Zeev. *The Birth of Fascist Ideology, from cultural rebellion to political revolution*. Princeton University Press. 1989

STERNHELL, Zeev. *Neither Right Nor Left: Fascist Ideology in France*. Princeton University Press. 1986

STERNHELL, Zeev. “Paul Déroulède and the origins of modern French nationalism”. *Journal of Contemporary History*. 6 (4), 1971 pg. 46-70

STERNHELL, Zeev. “The Political Culture of Nationalism”. in TOMBS, Robert. *Nationhood and Nationalism in France, from Boulanger to the Great War, 1889-1918*. Harper Collins, London. 1991 pg. 22-38

PAXTON, Robert O. *The Anatomy of Fascism*. Penguin, London. 2005

SHAVIT, Ari. Amazing Grace. *Haaretz*, março de 2008. Disponível em: <https://www.haaretz.com/2008-03-06/ty-article/amazing-grace/0000017f-ef7e-d8a1-a5ff-fffe9b950000> Acesso em: junho de 2022

OUZAN, Françoise S., *How Young Holocaust Survivors Rebuilt Their Lives: France, the United States, and Israel*, Indiana University Press 2018

GREEN, David B. Remembering Zeev Sternhell, Fighter Against Fascism – Wherever He Found It. *Haaretz*, junho de 2020. Disponível em: <https://www.haaretz.com/israel-news/2020-06-25/ty-article/.premium/remembering-zeev-sternhell-fighter-against-fascism-wherever-he-found-it/0000017f-e77b-da9b-a1ff-ef7f04bb0000> Acesso em: junho de 2022

ROBERTS, Sam. Zeev Sternhell, ‘Super Zionist’ Wary of Extremism, Dies at 85. *New York Times*, junho de 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/06/25/world/middleeast/zeev-sternhell-mideast-scholar-dies.html> Acesso em: junho de 2022